

Ano II—N.º 70
4 de Dezembro de 1931
Preço 1 Esc.

reporter.

**Semanário das
grandes reportagens**

**O Vencedor da
4.ª Batalha**



reporter



O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas
outras drogas que lhe têm impingido para pintar os
cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa...
Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empregam nos
seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que
é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde
o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa,
e sem auxílio de ninguém, restituir a côr natural aos
cabelos em **15 minutos**. E êles ficam macios, soltos
e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante
M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20,
Telefone N. 3831.—Depositário—FARMACIA OLIVEIRA,
R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente
no Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º
—Telef. 87

Misericórdia de Lisboa

Grande lotaria do Natal

Extracção a 23 de Dezembro, às 13 horas

PRÉMIO MAIOR

6.000 CONTOS

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda

bilhetes a..... 1.600\$00
meios bilhetes a.. 800\$00
décimos a..... 160\$00
e vigésimos a..... 80\$00

**Pelo correio acresce o porte
e registo**

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

NICOLAU FERRAZ

R. do Loureiro, 60 Porto Tel. 762

ABC - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

*Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.*

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

TALKIES DE VIAGEM

O caso misterioso da Avenida Mozart

Folhas soltas de um "block-notes" — Paris-tenção — Paris-*"film"* — Há doze anos — A minha aventura — Os teatros — "Folies Bergères" — Os estudantes pobres — A parada das ilusões



Georges Gauchet no campo, nos seus tempos de rapaz elegante

minguar no horizonte. Durante duas, três horas, afogado com as malas e suando como um carregador, caminhei, ao longo da estrada que conduzia a Paris. Mas que me importava a mim — se era a Paris que ela me conduzia!

Dezoito, vinte vezes voltei a entrar em Paris e algumas desembarcando do *Sud-Express* e trazendo na carteira quantias bastante superiores àquela nota de vinte francos. E contudo recordei sempre, com infinita saudade, essa primeira viagem; a longa caminhada de Asnières a Paris; as horas de amargurada incerteza e de luta nervosa que se lhe seguiram... E' que nunca mais, — nunca mais! — alcance eu os triunfos que alcançar, enriqueça como Rothschild ou desembarque dum aeroplano de luxo, tornarei a sentir a emoção daquele dia; a coragem, a fé, a confiança em mim mesmo e no futuro que me ardlam na alma e a enchilam de ilusões nessa manhã doirada de 1918 em que eu, caminhando ao longo de uma estrada, carregado de malas e com vinte francos no bolso, avançava para Paris na certeza de a conquistar...

O ANEL, UM JOALHEIRO E UM JOVEM SUSPEITO

PARIS, 11.—Deambulando ao acaso pelas ruas de Paris — como um filho pródigo revistando os recantos do lar de que há muito se ausentou, porque em cada esconso encontra a magia de uma recordação ou de uma saudade; gozando esse espectáculo especial e admirável de todas as grandes cidades que é o estendal das vitrines — *music-hall* variado de sonhos de conforto e de felicidade, museu de novidades e de minúsculas obras de arte ao alcance... do olhar, pelo menos; ginásio espiritual de todas as ambições — porque frente a cada montra, por muito débil que seja o orçamento do espectador, se adquire, sonhando, camisas de seda, de colorido futurista, gabardines de feição inédito, jolas, canetas, sapatos, bugigangas, livros, «mapples» fofíssimos e até objectos que não nos fazem a menor falta — deambulando ao acaso, dizia eu, fui ter à Avenida Mozart. Recordel que num hotel da esquina estivera, em 1925, e nêle heroicara uma das mais estranhas aventuras do meu jornalismo — inédito ainda, para o público e para os amigos — e que só uma camarada muito querida, Virginia Quaresma, minha companheira de viagem de então, se apercebeu... E havia uma montra — a montra de um joalheiro. Não uso jolas. Não penso usá-las nunca como não pensei nunca comprar uma bicicleta ou um flautim. Mas nessa montra havia um anel como nunca vi outro. Era o céu de Nápoles, em noite de serenata, pintado numa orgia de tintas e constelado, numa síntese miniatural, de paciência beneditina, num círculo microscópico. Eram todas as estrelas do céu... Entrei — para saber o preço... Não me dirão os senhores para que queria eu saber o preço daquele anel? Nem com as economias de dez anos de trabalho amealhara o suficiente para comprá-lo... Mas mesmo que um milagre enchesse de subito os meus bolsos — esbanjaria a inesperada fortuna em todos os disparates, menos naquela jóia...

Não havia raciocínio, calculo, lógica — naquele meu gesto. Era o destino que me levava, como um gigante ergue nos seus braços um pigmeu adormecido...

Atendeu-me um sujeito dos seus cinquenta anos

— muito francês, muito *je vous en prie...*, muito profissional da venda. Vestia burguêsmente e respirava a mais burguesa das saúdes e das venturas. No rápido minuto em que dialogávamos fantasie, sem querer a existência íntima daquele homem:



Clémentine Philippe.

A amante de Georges Gauchet

trabalhador, económico, metódico, fechando a loja todas as noites à mesma hora; sentando-se à mesa de jantar sem o atraso dum minuto; beijando a esposa e os filhos na mesma face sempre; calçando pantufas, lendo o *Intransigent*, indo ao cinema aos sábados, jantando na *Campagne* ao domingo e visitando a sogra às segundas.

— Oito mil francos... *Mais c'est une merveille, Monsieur. Il vaut bien douze milles et...*

Cortel com um sorridente agradecimento a lenga-lenga do elogio ao anel e saí... E saindo sorria de mim próprio... E sorrindo reparei num jovem dos seus vinte e cinco ou vinte e sete anos, baixo, magro, mas bem musculado, tipo de rapaz de sport, adandisado sem ridículos, elegante sem pretenções, cuidadoso, insinuante, que, roendo nervosamente as unhas, se especara frente à montra.

O que me chamou a atenção sobre esse moço não foi nenhum dos detalhes que acabo de registar... Foram os seus olhos, que se agitavam nas órbitas numa expressão alucinada, fingindo fixarem-se nas jolas em exibição — para espelarem melhor, através dos vidros, o interior da loja e os movimentos do lojista. Anotecera. Sobre a rua descerrou-se a tarlatana de uma neblina salpicada de agulhas de prata... Os vultos esfumavam-se, espiritualizavam-se, envolviam-se em crêpes... Atraído por uma inexplicável curiosidade — quis continuar a vigiar aquêlo moço inquieto, sem o alarmar. Fui até à borda do passeio... Ele continuava na mesma atitude — esboçando por duas vezes uma fuga por julgar talvez ter sido descoberto pelo joalheiro... Entretanto, dentro de mim, numa evolução serena e rápida, nascera a profecia da tragédia que se dilatava angustiosamente naquela alma. Que espécie de tragédia? Não podia dizê-lo. Não chegava a tanto o meu dom de mago. Mas se me perguntassem diria plebeamente: «Ele não está ali por bom...» E ao mesmo tempo sentia-me atormentado por uma estranha compaixão, por uma tristeza abstracta que me dava vontade de intervir, de consolar, de aconselhar, salvando da fatalidade

des está à minha espera, para jantar, no «Adelphi Hotel» e retro-me passando junto do moço... Fixo um detalhe: ele estava consultando o relógio e levava-o ao ouvido para se certificar do seu anda-



Georges Gauchet

mento. Os nossos olhares encontram-se... Dir-se-ia que bastava um gesto meu para ele vir ao meu encontro, desabafar a sua tragédia, pedir protecção para que o arranquem do pesadelo patológico em



O hotel onde habitavam Gauchet e a amante



A «Cloche d'Or», onde Gauchet ceava e onde foi preso

uma vida. Mas de quem era essa vida? Não o sabia explicar...

O jovem pela terceira vez esboça uma fuga — mas agora completou-a afastando-se... O joalheiro veio à porta realizar a manobra do encerramento. Desperto, insulto-me, lembro-me que Adelino Men-

que se está debatendo. Passa um «taxi»... Subo para ele...

E não me dirão os senhores com que fito escrevi este *talkie* sem interesse e sem objectivo — e que na melhor das hipóteses só tem duas realidades: a de um moço estar olhando para uma montra e a

de eu, por excesso de profissionalismo, ter julgado radiografar o que aliás se passava apenas na minha fantasia? Para quê? Para que entrei eu a perguntar o preço daquele anel? Para quê...

P. S.—LONDRES, 20.—Acabo de lêr no *Evening News* o seguinte telegrama datado de Paris: «A esposa do joalheiro Dennenhorfer, da Avenue Mozart, 128, surpreendida pela demora do marido, sempre pontual à hora das refeições, dirigiu-se ao seu estabelecimento, encontrando-o de luzes apagadas e portas mal fechadas. Acompanhada pela porteira entrou na joalharia, dando com o cadáver do espôso num lago de sangue. Trata-se de um crime — tendo por objectivo o roubo. Desapareceram jolas num valor superior a 150.000 francos. O assassino, que feriu a vítima com um objecto de ferro, — martelo ou chave inglesa — travou violenta luta, antes de a abater definitivamente, visto que o sangue aparece a grande distância do local onde o cadáver foi encontrado. O crâneo do infeliz joalheiro está totalmente esmigalhado. A policia não encontrou o menor vestígio que a possa orientar. No posto antropométrico não existe ficha que coincida com os sinais digitais do criminoso. Significa isto que o criminoso não tem cadastro, nunca foi preso, o que torna mais difícil a sua descoberta. O crime produziu grande impressão no público.» Não faço comentários.

OH! LES SALES ÉTRANGERS!

PARIS, 12. — São oito horas da noite. Paris está sonolento, despovoado como se fosse Agosto. Os cafés às mósicas. Que se passa em Paris?

— Estamos sem estrangeiros! — esclarece-me o gerente do hotel...

Não lamento essa ausência. Pelo contrário. Há doze anos que os parisienses, atacados de uma xenofobia mais digna de um povo selvagem do oriente do que dos habitantes da capital do mundo, berravam na cara de todos nós, seus hospedes, que estavam fartos de estrangeiros! «*Oh! les sales étrangers!* Quando será que nós estaremos à nossa vontade em nossa terra! Para qualquer lado que nos voltemos só deparamos com espanhóis, com americanos, com chineses, com turcos! Queremos jantar num *restaurant* e não há lugar: as mesas foram assaltadas por eles! Queremos uma casa — não há: estão todas nas mãos deles! São eles, com os seus *dollars*, com as suas libras, com as suas pesetas, que tornam a vida cara. E depois são má gente. Oitenta por cento dos crimes e dos roubos de Paris são praticados pelos estrangeiros!»

Clement Vautel, esquecendo-se de que é belga, chegou a escrever no «*Mon Film*» de «*Le Journal*» «Bem sei que vocês ingleses, americanos, italianos portugueses, se bateram em França e pela França»

Mas a guerra já acabou há muito — e agora faziam-nos um grande favor regressando aos seus países.

A crise económica mundial veio castigar os pa-

(Conclui na pag. 12)

Vigaristas de

O Whitechapel dos negócios — A sombra e o anonimato protegem bons tempos — Um dedo do marquês — Miguel de Vasconcelos



O Vasconcelos não está às grades da prisão, como sabem, está «posando» à janela de um restaurant, mais a sua sevilhana, para a objectiva do Penedo

O S dessas, os subterrâneos, os alçapões, ou como lhes queiram chamar, do mundo de negócios fornecem assunto de sobejo para fazer romances mais longos, mais prenhes de aventuras trágicas ou cómicas do que o célebre *Rocambole* de Ponson du Terrail. A realidade, nesses antros, excede tudo quanto a fantasia humana possa construir de ignominioso, de triste, de repugnante. O romancista que quiser assunto para a sua arte nada mais tem a fazer do que penetrar nesses meios tão tenebrosos, a despeito da sua aparência dourada, como Whitechapel, o célebre bairro londrino onde a miséria e o crime se acoitam. E uma vez lá dentro, apenas sentirá embaraço na escolha, dada a abundância de tipos réles, de scênas ignominiosas, de complicados entreschos de romances da vida real, onde a personagem principal é o dinheiro, e as secundárias, as que compõem e harmonizam os quadros, são o vício, a luxúria, a ambição e o crime.

Nós, porém, não queremos fazer romance com o muito que sabemos do alto comércio, da grande indústria e da alta finança. Somos jornalistas e, para cumprirmos à risca a nossa missão, temos que ter mão na fantasia, que aliás não suplanta com vantagem a realidade nua e crua.

Imprimindo às nossas reportagens um sentido moralizador, que o país de Norte a Sul aplaude a mãos ambas, socorremos-nos honestamente da verdade, que reproduzimos ante o olhar assombrado do público que julga, condena e absolve. O nosso dever é arrancar das trevas densas que os ocultam os factos e as pessoas que influem em certos acontecimentos que o povo crédulo não sabe explicar por lhe desconhecer as origens tenebrosas e secretas.

De entre os acontecimentos que mais

devem ter intrigado os espectadores ingênuos, avultam as falências de certas grandes casas comerciais e bancárias. Casas sólidas, de boa reputação, de crédito aparentemente inabalável, sossobram de súbito, como se um alçapão de mágica as engulisse. Quais são as origens dessas derrocadas, que tanto mal têm trazido ao crédito do país, reflectindo-se desastrosamente na vida do povo? Nem sempre esses desastres são de culpa exclusiva de banqueiros poucos escrupulosos, nem sempre os dirigentes das casas bancárias se recrutam entre a farandolagem ignóbil de scelerados. Às vezes, os falidos que toda a gente aponta como facinoras são vítimas de uma rede de ignominia estabelecida por um bando de *escrocs* que urge desmascarar para bem da sociedade e higiene do meio comercial e financeiro.

Trazer da sombra onde traiçoeiramente se ocultam até à luz clara do sol e da verdade esses *escrocs*, esses parasitas que, por caminhos enviduados entre as malhas apertadas da lei e da moral, conseguem praticar impunemente crimes de burla repugnantes, arruinando os outros enquanto eles passam vida regalada, gozando de uma consideração social imerecida, é prestar à colectividade portuguesa um revelante serviço. E por assim o entendermos, mais uma vez vamos pôr a nossa pena ao serviço da Verdade e da Justiça, se os leitores tiverem tempo e paciência para nos acompanharem, pois o caminho é longo, áspero e arriscado.

TENS DINHEIRO, ÉS TUDO.
NÃO TENS DINHEIRO...

Os leitores conheciam, de ouvir falar, pelo menos, a casa bancária Correia Leite Santos & C.^a. Esta casa, uma das que melhor reputação gozavam no nosso meio comercial e financeiro, faliu há tempos e, o que é raro nestas circunstâncias, o seu sócio principal, apesar de ter demonstrado na derrocada a melhor vontade em honrar o seu nome, recolheu à cadeia, onde aguarda de consciência firme (o que é raro também) o apuramento da verdade.

Correia Leite, que não conhecemos de vista sequer, que nunca nos prestou o menor favôr e a quem não prestamos outra homenagem senão a que enquadra nas dimensões estricatas da verdade, pessoa que não está em condições de nos pagar

ou subornar, é, em nossa opinião, um homem honrado infeliz nos seus negócios — nada mais.

Se escrevessemos isto a respeito de uma pessoa colocada em alta e sólida posição social poderiam os que nos lêem supôr que o fazíamos na mira vêsga e



O Vasconcelos (X) atravessa a Praça de Espanha, em Sevilha, após um almoço bem regado...

rasteira da gorgeta. Correia Leite, infelizmente para ele, e felizmente para nós, não é um poderoso, não é um homem rico, não deve já (porque caiu e a sociedade não perdôa aos infelizes) possuir amigos desinteressados... Os que o adulavam noutros tempos — nos tempos em que nós não precisaríamos talvez de escrever este arrazoado — voltaram-lhe as costas e muitos deles terão contribuído, com certeza, com a sua cota parte de calunia e traição para melhor o aniquilarem.

Ah! Bons tempos eram esses em que o Joaquim Alves de Vasconcelos Ferreira lhe entrava pelo estabelecimento, e lhe batia nas costas a mão anafada e gôrda! Bons tempos esses!

Bons tempos esses em que o Zé de Oliveira, o Marquês de Sagres, melifluo e delicado o tratava por amigo e lhe propunha negócios de arromba!

Bons tempos em que todos os pelintras encasacados, com o seu ar superior de grandes águias dos bons *affaires*, lhe chamavam amigo, o grande amigo Correia Leite que financiava as iniciativas honradas que eles lhe propunham! Agora, esquecido na cadeia, aguardando que os tribunais o julguem por actos que, em grande parte, não praticou, mas de que assumiu, por hombridade que aos outros faltava, inteira responsabilidade, Correia Leite já não é o grande amigo, já não é

alto coturno

os bandidos encasacados — A situação de Correia Leite — Os da Finança — Para Sevilha, em avião — As espanholas endiabradas

o grande homem, porque já não possui o dinheiro — o diabólico dinheiro que compra honrarias, prestígio e até talento.

Não, o Vasconcelos Ferreira já não se lembra daquele seu grande amigo Correia Leite que burlou, de gôrda com outros, em quantias que sobem a cêrca de mil e duzentos contos. O Joaquim Vasconcelos Ferreira já não se lembra do seu grande amigo. Muito dinheiro comeu então ao falido de agora o Joaquim Vasconcelos. E não havia de falir aquela casa bancária! E não hão-de falir todas as casas bancárias que tiverem como clientes tipos como o Vasconcelos Ferreira!

Tinha este um sócio, também uma águia para os negócios, um tal Artur Penedo Costa. As duas águias pairaram, como aves de rapina que eram, sobre aquela casa bancária, espiando a presa, procurando apanhá-la desprevenida.

Um dia o Joaquim Alves Vasconcelos Ferreira, o seu irmão Carlos e o Artur Penedo Costa resolveram pôr em prática um bem estudado plano. Não podia falhar. O Correia Leite era pessoa de boa fé e tinha-os na conta de homens honrados. Propuseram à aludida casa bancária um bom, um deslumbrante negócio de cereais (a muita ignominia se têm prestado em Portugal os negócios de cereais!). Foi o primeiro e grande golpe que permitiu aos honrados negociantes o levantamento de grandes quantias e ainda forçou a firma Correia Leite Santos & C.^a a pagar mais tarde a importância de cem contos ao sr. João de Assunção Coimbra, a quem os magalhães ficaram a dever.

Mas desses negócios de cereais o mais engenhoso e picaresco é, sem a menor sombra de dúvidas, o da venda de trigo à Manutenção Militar.

A Manutenção julgava tratar com gente honrada, que lhe propunha a venda banal de determinada quantidade de trigo. Mas o Joaquim Vasconcelos queria 250 contos de sinal. A Manutenção, correcta nas suas transacções, entregou-os como era da praxe, mas por meio de letra aceite de Joaquim Vasconcelos Ferreira, com o aval da casa Correia Leite Santos & C.^a.

O prazo da letra foi decorrendo. E se Correia Leite, vagamente receoso de um desastre, lembrava ao Vasconcelos que não deixasse de a pagar no vencimento, a águia, cheia de convicção, sossegava-o:

— Homem, esteja descansado... Não há novidade...

E não houve, como adiante se verá. Houve uma viagem em avião do Penedo e do Vasconcelos até Sevilha. Aquilo é que foi pandega, caramba! Mais de duzentos contos na carteira — e as espanholas são tão *salerosas*, tão provocantes... O pior é que se fazem pagar caro... e em pesetas.

Aquela endemoninhada sevilhana que os senhores aí vêem, de cabelos negros, compridos, olhos provocantes, despóticos, comia como um lobo e bebia como uma esponja. O diabo era a mulher!

A Espanha é sedutora e o dinheiro, lá, derrete-se como gelo ao calor. Por isso depois da pandega não restava, não podia restar um centavo livre para pagar a letra de duzentos contos à firma Correia Leite Santos & C.^a.

No entanto, aquela casa bancaria esperava confiante que o Vasconcelos honrasse o seu compromisso na devida data. E só à ultima hora, no último dia de prazo, é que o Vasconcelos propôs que se reformasse a letra por inteiro. Entrou, nesta altura, nem podia deixar de ser, um certo marquês, que ultimou as formalidades da reforma. E na precipitação — Correia Leite Santos & C.^a era intrujado habilidosamente, porque o novo aceite não apareceu, como o anterior, assinado pelo Joaquim Vasconcelos mas pela firma Vasconcelos & Costa, em liquidação ju-



Esta sevilhana era de grande alimento. Como vêm, prepara-se mais uma vez para comer

dicial, não oferecendo pois as menores garantias.

Nesse dia o Vasconcelos disse a um amigo:

— Acabo de salvar-me de uma grande «rascada». Reformei a letra de duzentos e tal contos em nome da firma Vasconcelos & Costa, livrando-me assim um de

A letra com que Correia Leite foi intrujado, vendo-se nitidamente a suposta assinatura de Vasconcelos & Costa, firma em liquidação judicial

possível arresto dos meus bens pessoais. E — acrescentou em ar de graça — a assinatura de Vasconcelos & Costa nem sequer é verdadeira, porque foi o marquês quem assinou por mim.

Honrados homens de negócios, que levais uma vida de sacrificio, de pesadelo, para atravessardes honestamente dificuldades financeiras e crises económicas, que dizeis das habilidades destes Vasconcelos que lembram vagamente um outro Vasconcelos que há perto de trezentos anos pagou com a vida a sua ignominia e a sua traição ao país que gente estranha subjugava então?

Não vos parece que é necessário criar em Portugal um ambiente em que não sejam possíveis Vasconcelos desta natureza, que andam, por meio de *escroques* infames, malbaratando os escassos capitais que poderiam ser aplicados a iniciativas uteis, vitais, para a nação de pauperada?

Quantos casos destes acumulados não terão sido a verdadeira origem de certas *debacles* financeiras, que um pouco de prudência e um melhor conhecimento dos homens do nosso tempo poderiam evitar!

REPORTER MARIO

Grandes reportagens na Provincia Uma manobra de espionagem alemã em Aveiro



NA conflagração europeia de 1914-1918, nesse curto período de quatro anos que abalaram o mundo inteiro sacudindo-o em convulsão tremenda e destruidora, a rede de espionagem dos alemães foi uma das mais formidáveis de organização, lutando, por vezes com vantagem, com o poderosíssimo *Intelligence Service*.

Os seus agentes, esbanjando ouro às mãos cheias, espalharam-se por todo o orbe, apalpando simpatias, aliciando adeptos, auscultando sentimentos, comprando segredos dos Estados, descobrindo meios de defesa, pontos vulneráveis dos países beligerantes — entregues, enfim, a um laborioso serviço de subtilezas e de inteligência, como invisíveis partículas desse mesmo cérebro que, no gabinete de chefe supremo, comandava as manobras da formidável avalanche de solda-

dum português, por conta da Alemanha. Devem existir mais, muitos mais, apesar da declaração espontânea dos próprios alemães, segundo a qual o nosso país teria sido aquele em que houve uma maior dificuldade em aliciar espíões.

No dia em que certos capitalistas da nossa terra — hoje muito poderosos por

em sobressalto constante e perigo iminente a navegação comercial. Povoações costeiras houve até que foram torpedeadas, ante a raiva mal contida das indefesas populações.

Os barcos de longo curso eram, assim, forçados a navegarem muito próximo da costa. O desembarque de passageiros e tripulação tornar-se-ia dessa forma mais rápido e mais fácil, na previsão de qualquer ataque brusco...

O *Desertas*, grande navio de carga aprisionado pelo governo português à Alemanha, encalhara perto de Aveiro — a linda cidade da beira-mar, rasgada pitorescamente por elegantes canais da ria a dar-lhe uma beleza de romance veneziano, com as suas «bateiras» típicas e as suas formosas mulheres de suave encanto nos amorosos olhos de sonho...

A notícia do encalhe constou breve, tornando-se o assunto geral de todas as conversas.

— O barco pode safar-se!... — aliciavam convictos os marítimos, velhos «lôbos-de-mar» experimentados em lutas duras contra rijas tempestades. — Os boches é que têm a culpa porque obrigam os navios a encostarem-se, demasiadamente, à terra... Mas com uma reviravolta de ventos, o barco salva-se...

Por esse tempo, em casa do dr. Jorge de Sousa, na Rua Escura, transformada em centro de reunião de pessoas suspeitas, parava também um indivíduo, chamado Vermelheira, notável na terra, não só por ser proprietário duma loja de fazendas na Avenida Bernardo Martins, mas sobretudo pelo ardor patrioteiro que manifestava em todas as ocasiões propícias e que lhe emprestava uma verborreia fácil e inflamada, em hostilidade permanente contra os alemães.

No dia do encalhe do *Desertas*, quando a reunião da casa da Rua Escura se achava mais interessada na discussão sobre a possibilidade do barco se salvar, o entusiasmado Vermelheira lembrou-se de repente duma encomenda de tecidos que tinha de pedir para Barcelona. E batendo com a mão na testa, lamentando-se da sua falta de memória, o ardente patriota despediu-se apressadamente, correndo à estação do telégrafo, na Praça José Estevam, a emitir um telegrama para o seu fornecedor de Barcelona.

Esse telegrama era essencialmente comercial — a empregada da estação notou-o bem. Dizia assim:

Estranho demora remessa peças de seda pedida minha carta anterior. Mande urgente para não perder negócio vossa causa. — Vermelheira.

E com o rosto aberto num sorriso amável, disse à funcionária:

— Vamos a vêr se esses brutos me mandam a fazenda... Aquilo estão com medo de extravio, porque os meios de transporte não oferecem segurança nenhuma, nestes tempos... Esta maldita guerra só nos tem prejudicado a todos...

Na tarde do dia seguinte era expedido para o Porto, com as notas de «absolutamente confidencial» e de «urgente», um outro telegrama em inglês com a seguinte redacção:

Necessito vossa presença aqui. Espião V. avisou Barcelona. Receio ataque «Desertas». — A. 32.

O BOMBARDEAMENTO DO «DESERTAS» E A INTERVENÇÃO DA QUINTA ARMA

Decorridas algumas horas sobre o envio deste último telegrama, um automóvel, de cor esquecida sob uma espessa camada de poeira, atravessava como um relâmpago as ruas de Aveiro, em vertiginosa carreira que assustara os pacatos transeuntes.

O misterioso carro, um *Hudson* grande, de sete lugares, que levava dois passageiros além do *chauffeur*, tomou a direcção da Barra, estacando no sitio conhecido por «Meia Laranja» — assim denominado por ser um pedaço de terra a entrar pelo mar dentro, em forma de semi-círculo.

Os dois passageiros apearam-se, apressados, trocando um olhar de inteligência ao cruzarem-se com o Vermelheira, que, com um sorriso irónico a frizar-lhe os lábios, caminhava tranquilamente para terra.

— Chegámos tarde! — exclamou surdamente um dos passageiros do «auto», lançando um olhar tórvo para o Vermelheira.

— Paciência! — retorquiu o outro — Alguma vez o havemos de apanhar em flagrante... Receio bastante que ele viesse aqui avisar qualquer submarino sobre o local onde encalhou o *Desertas*... Não temos tempo a perder... Vamos avisar o Centro de Aviação...

E subindo para o carro foi ordenado ao *chauffeur*:

— Depressa! Segue para a Base de S. Jacinto!

Daí por momentos três enormes estampidos punham em alvorço a cidade inteira, sobressaltando os seus habitantes.

Dos lados da Costa Nova, da Barra, da Costa de S. Jacinto, acorria gente espavorida, gritando desvairada que haviam chegado os boches.

— A cidade vai ser torpedeada pelos submarinos... — clamava-se aflitivamente. Foi um momento de terror e de alucinação!

Entretanto, do Centro de Aviação de S. Jacinto, ocupado então por aviadores franceses (em Portugal não existia ainda essa arma) saiu imediatamente uma esquadilha de hidro-aviões que se propôs

Participado o caso ao oficial de dia, foi por este imediatamente ordenada uma batida ao local donde partiam os esquivos sinais, que, porém, não deu resultado. O suspeito sinaleiro, pressentindo a chegada de gente, pusera-se a bom recato, abandonando ali a lanterna de que se servira.

Na manhã seguinte, o *Primeiro de Janeiro* inseria a seguinte local:

«No Hospital da Misericórdia deu entrada esta madrugada, em estado grave, o súbdito inglês sr. John Gordon, que, ao passar de automóvel na estrada nacional, perto de Ilhavo, foi alvejado a tiro por um assaltante desconhecido, que as sombras da noite protegeram na fuga.

O sr. John Gordon regressava de Aveiro onde tinha ido desempenhar-se duma importante missão oficial, que talvez tenha uma estreita relação com o encalhe do *Desertas*, ocorrido, como se sabe, perto daquela cidade.

Por o seu estado de saúde o não permitir, o ferido não pôde fazer quaisquer declarações que



O «Desertas» fóra bombardeado



O «Desertas» sofrera um rombo

dos, arremecendo-os para a científica luta de povos que é a guerra moderna.

Todas as nações tiveram os seus filhos indignos, cidadãos abjectos, vendilhões da pátria aos inimigos, trocando por ouro, por muito ouro que lhes satisfizesse os mais infimos caprichos, formosos sentimentos de beleza, a sorte da terra que os viu nascer, que os albergou confiantemente, que lhes deu carácter, educação, envolvendo-os numa amistosa atmosfera de simpatia e de carinho.

Portugal teve também filhos traidores ao serviço do inimigo de então: — a Alemanha.

Reinaldo Ferreira, com a sua penalidade, denunciou-nos o famoso «caso das libras de porcelana». Idílio Ferreira, num sugestivo artigo, acusou-nos a existência duma espia portuguesa.

Agora, a minha recente viagem à provincia proporcionou-me o ensejo de conhecer mais um caso de espionagem ocorrido em Portugal, com implicação

via do seu dinheiro, mas ontem, ainda, uns pobretões de fundilhos nas calças coçadas — quisessem e podessem explicar dignamente a origem das suas fortunas rapidamente alcançadas, assistiríamos a um espectáculo grandioso de escandalosas revelações.

O tempo, porém, tem uma missão que nunca falha...

AS MANOBRAS DE UM EXALTADO «PATRIOTA»

Atravessava-se então o período mais intenso da tremenda guerra que assolava devastadoramente os povos do velho continente europeu.

A nossa costa marítima, desprovida de actualizados meios de defesa, era assiduamente visitada por submersíveis alemães, os quais, com uma audácia temerária, cruzavam as nossas águas, pondo

dar caça a dois ousados submersíveis inimigos.

O respectivo comandante da Base, Maurice La Ruie, fóra rapidamente pôsto ao facto do que se passava, pelos dois passageiros do «Hudson», os quais se apresentaram como pertencendo à sub-agência de contra-espionagem inglesa, instalada no Porto.

Os dois submarinos alemães, notando a manobra dos aviões e não podendo responder vantajosamente ao contra-ataque, submergiram com ligeireza, não sem que do ar lhes fôssem lançadas algumas bombas.

O *Desertas* sofrera apenas um pequeno rombo á pôpa, não tendo sido totalmente destruído graças á oportuna e enérgica intervenção dos aviões.

Já a noite havia caído, envolvendo nas suas trévas pardas a pacata e laboriosa cidade, quando a sentinela de serviço na Base de Aviação apreendeu, surpreendida, uns sinais estranhos, semafóricos, expedidos da «Meia Laranja» para o mar.

orientem um pouco a acção da policia e a auxille na descoberta da identidade do criminoso.»

John Gordon, de quem volvidos três dias o mesmo jornal noticiava o falecimento, era um dos agentes da contra-espionagem inglesa, com os quais o Vermelheira se havia cruzado no sitio da «Meia Laranja», em Aveiro.

A SORTE DOS PATIFES

Depois de assinado o armistício, o antigo proprietário da loja de fazendas da Avenida Bernardo Martins, em Aveiro, o patriota Vermelheira, abandonou o negócio comprando uma importante quinta na terra da sua naturalidade, onde vive satisfeito e feliz, gozando uma boa reputação de homem endinheirado. A sua existência decorre embrulhada em adorável amenidade, rodeando-se dum consolador bem-estar e amável conforto.

A sua fortuna — diz o povo — ascende a algumas centenas de contos de réis...

AMERICO FARIA

REINALDO FERREIRA

VAI ESTREAR-SE DENTRO DE POUCOS DIAS
COMO DRAMATURGO NO «TEATRO GIMNASIO»

A sua peça «A Dama do Sud», não sendo policial, vive da técnica empolgante dos dramas deste género, contendo mistério, crime, surpresa emocionante, cosmopolitismo e inquietação de espirito, sem contudo resvalar nas antiquadas scenas de Sherlock Holmes barato. É uma peça moderna.

POUCOS jornalistas se podem gabar de ter logrado a popularidade de Reinaldo Ferreira. Aquêl rapazinho de pupila azul, franzino, o cigarro pendente do lábio, com o seu ar de alheado a tudo o que o cerca — como se vivesse imerso na contemplação de um grande sonho íntimo — possui afinal uma força irresistível que faz vergar os piores adversários e conquista a alma das multidões: a simpatia. Através do seu incontestável talento, da sua imaginação tão irrequieta, da sua grande sede de aventura que, em explosão de sinceridade, se imprime na sua obra de jornalista e escritor, o público, o grande público que procura nos seus livros e nas suas reportagens sensacionais um convívio amêno e cativante, sente sobretudo o domínio da grande força de simpatia que de Reinaldo emana.

E êle quasi ignora a força de que dispõe. Mal se apercebe de que no café, no «eléctrico», no *Sud-express*, quando atravessa a Europa em perseguição de uma quimera, que é sempre uma grande reportagem, em um grande hotel onde se instala modestamente, em uma grande capital, onde tenta irmanar-se, anonimizarse entre a multidão, há sempre olhos que o espreitam com simpatia, lábios que lhe sorriem, dedos que o apontam curiosamente. «E' o Reinaldo Ferreira... o Reporter X...» — murmura-se.

E o seu nome e o seu pseudónimo tão célebre como o seu nome evocam sempre um farrapo de drama, um entreccho novelesco, um mistério insondável, um grito de revolta, um pedaço de vida intensa com que êle compõe as suas reportagens fascinantes.

Sim, êsse rapazinho delgado, de pupila azul e sonhadora, que tenta passar despercebido entre a multidão ignara, possui a fascinação daquelas caixinhas orientais de onde fakirs extraem maravilhosamente mundos deslumbrantes de sonho e de beleza. O público leitor já sabe que novela curta, romance, artigo ou *film* cinematográfico que venham de suas mãos flexíveis de prodigioso menino contém *algo*. encerram um in-

teresse fascinante, delicioso, irresistível, capaz de fazer vibrar os nervos mais calmos nas trepidações mais fortes.

Por isso, nós calculamos o alvoroço com que será recebida esta grande novidade:

Reinaldo Ferreira vai estrear-se em Lisboa como autor teatral!



Esta novidade é, sem menor sombra de réclamo, porque Reinaldo dêle não precisa, garantia de que o público assistirá a bom teatro. Porque o Director do *Reporter X* tenha a pretensão de se apresentar como inovador ou reformador da dramaturgia nacional? Ele é bastante modesto para não se arrogar tais pretensões. Vai o público ter ocasião de apreciar, saborear bom teatro pela mesma razão porque tem apreciado bom jornalismo, porque êsse teatro terá a marca indelevel do seu espirito irrequieto.

A sua peça, que se estreará por estes dias no Teatro Gimnásio, de gloriosas tradições, interpretada por uma companhia homogénea e estudiosa, superiormente dirigida, orientada e inspirada por D. Palmira Bastos, um nome que é um cartaz definitivo, não é uma peça de paninhos

quentes e *trucs* requentados. Reinaldo Ferreira é, por feito especial do seu espirito, absolutamente avesso a essas velharias. Essa peça, intitulada *A Dama do Sud*, possui tódo o imprevisito, tóda a intensidade dramática, tódo o mistério e tódo o drama que o grande público se habituou a procurar avidamente nos seus escritos incomparáveis. *A Dama do Sud*, titulo que faz pressentir o cosmopolitismo de que andam sempre impregnadas as produções novelescas de Reinaldo Ferreira, é uma peça da nossa época, que transportará o lisboeta á realidade do seu século. Não sendo uma peça policial propriamente dita, vive da técnica dos dramas deste género; contém crime e mistério, surpresa emocionante e, contudo, não resvala nas balofas e velhas scenas de Sherlock Holmes barato. Insuflada de humanidade, aquela humanidade que palpita sempre nas figuras traçadas pela mão de Reinaldo, por mais fantásticas que elas sejam, fazendo-as baixar das alturas inverosímis da imaginação até ao mesmo nivel onde nós, de carne e osso, sentimos pulsar os nossos corações, *A Dama do Sud* é peça para empolgar meia Lisboa, para entusiasmar plateias e artistas como Palmira Bastos, Henrique de Albuquerque, Seixas Pereira, Constança Navarro, tóda a companhia do Gimnásio, enfim, que a está ensaiando com um amor, um carinho inexcusáveis.

Reinaldo Ferreira, que criou no jornalismo português um lugar tão relevante, tão característico, tão seu, tão impar, vai abrir agora no Teatro uma clareira luminosa onde uma maneira sua, uma maneira *Reporter X*, se imporá avassaladoramente á grande simpatia do público.

Os que já não podem passar uma semana sem a leitura empolgante de *Reporter X* vão começar agora a não poder passar um dia sem o teatro emocionante de *Reporter X* — que será, no palco, a grande reportagem vivida por personagens de carne e osso, interpretadas por artistas entusiastas e conscienciosos.

MARIO DOMINGUES

O CADAVER... VIVO DO "AUTO" 99.297

Como nos romances de Sherlock Holmes—O achado macabro—O detective Wilson—O que diz a imprensa londrina—Um sapato de mulher—As quatro amantes e os quatro filhos—O morto-vivo conta uma história

OBSECADO pelo cumprimento do meu programa de reportagens em Londres e pela radiografia dos bastidores do caso Waterlow — ia perdendo um dos mistérios mais labirínticos que têm intrigado o público inglês e de que a vida deste povo, tão rítmico, energético e prático está continuamente enxadrezada. Esta frequência das charadas policiais, sangrentas ou não, explica a super-abundância de uma literatura especializada no gênero, com que Conan Doyle, Edgard Wallace, Pimperton, Honus Garbo e o próprio Wells ameaharam as suas fortunas de milionários e pela qual o público inglês delira. Mas desta vez a imaginação do criminoso sobrepe-se á dos novelistas mais famosos.

UM TORRESMO HUMANO

Este mistério traz todos os ingleses voluptuosamente enervados, num verdadeiro festim espiritual, algo mórbido. É o motivo de todas as conversas e o pretexto para apostas quantiosas. Conta-se em poucas linhas. Numa das últimas noites do mês de Novembro, uma patrulha policial que se deslocara de uma localidade para outra, ao principio da estrada que liga Londres a Oxford foi alarmada por um clarão que manchava a tarlatana cinzenta do nevoeiro como uma pincelada de sangue. Alargaram o passo e ao dobrar um angulo deram com uma verdadeira foguetta a meio da estrada, cujas labaredas embrulhavam em fogo um automovel. Em redor nem viva alma. Do chauffeur, nem vestigio. Teria ido talvez pedir socorro ao povoado mais próximo. Um dos policemen correu ao primeiro telefone; vieram os bombeiros de Westford e quando as chamas foram ceifadas ficaram apenas um montão de destroços onde difficilmente concluíram tratar-se dum Ford que tinha como matricula o número 99297 (o de Maria Alves era 9297 — um nove a menos e tambem dava nove — «noves fóra nada...») lam-se a retirar, bombeiros e policia — quando um deles notou, entre a amalgama de ferros incandescentes e cinzas dos estôfos, um vulto negro que muito se assemelhava a um cadaver carbonizado. Um exame mais longo ratificou essa impressão. Havia um morto — alquem que se deixara reduzir a torresmos; refastelado na banquetta e sem esboçar fuga... O caso era mais grave do que parecia á primeira vista... Reclamaram-se os detectives — *Sherlocks* de carne e osso — de Scotland Yar. E' ao inspector Tomás Wilson que cabe o serviço — e Tomás Wilson goza fama de decifrador invencível de todos os enigmas... A sua primeira descoberta, ao chegar ao local, é a de um sapato de taçao alto, indiscutivelmente feminino. Contudo, os legistas a quem aquêl torresmo humano fóra confiado garantem que se trata de um homem...

Pela matricula do automovel fácil foi ver a quem pertencia. Chamava-se o seu proprietário Robert Kennedy. Num rápido inquerito apurou-se que Robert Kennedy cultivava a auto-fama de um esplendido chefe de familia, pacato e trabalhador, casado e com filhos, empregando-se como calceiro-viajante de uma firma bastante conhecida. Estava longe de ser rico — mas as sete libras semanais que ganhava chegavam para viver com desalôgo; tinham chegado mesmo para comprar, a prestações e em preço razoavel, aquêl Ford que lhe facilitava as continuas deslocacões da sua missào. Quando a policia foi ter com a esposa de Kennedy

e a encontrou num vale de lágrimas porque o marido, havia dois dias, não dava noticias suas, — o que em dez anos de casados nunca sucedera — os chefes de Scotland deram o caso por liquidado. O cadaver carbonizado era o do dono do «auto», vítima do incendio do carro...

Mas o detective Wilson é que não transigiu com os seus chefes. Havia pontos que êle não compreendia. Primeiro — era o sapato de mulher... Segundo — porque não fugira Kennedy e se deixara carbonizar dentro do carro? E terceiro: Inde



O detective Wilson que não concordou que se arquivasse o processo

Kennedy sosinho e sendo o seu cadaver encontrado sentado na banquetta de trás — quem é que guiara o carro? E por isso Wilson prosseguiu, em segredo, as suas investigacões.

AS QUATRO AMANTES DO ESPOSO EXEMPLAR

O primeiro que êle apurou foi que Kennedy não era tão pacato e tão exemplar chefe de familia como a esposa e os amigos, os vizinhos e os patrões julgavam. No próprio dia do sinistro uma empregadista dera á luz num hospital uma criança que êle imediatamente reconhecera como seu filho. De investigacão em investigacão Wilson reuniu quatro amantes do mesmo Kennedy, simultaneas, todas com filhos reconhecidos pelo pai (o que lei inglesa concede e exige, até mesmo quando se trata de homens casados) e recebendo todas elas uma subvençào semanal... Totalizadas essas pensões — o ordenado de Kennedy ficava quasi reduzido a coisa alguma...

Sorriu-se Wilson, multiplicou em dezenas de exemplares um retrato da vitima e espalhou-o por toda a Inglaterra. Poucos dias depois o sargento comandante do pósto policial de uma vila próxima de Glasgow expediu-lhe o seguinte telegrama que reproduzo do *Daily Mirror*: «Trememos um sujeito que se dirigia num char-à-bancs para Glasgow e cuja semelhança com o retrato que vi era flagrante. Declarou sem hesitações que era Kennedy

e mostra-se contente por se encontrar em contacto com a policia e poder explicar tudo. Diz que não veio ao nosso encontro porque tem andado absolutamente desnordeado. — B. Street-sargento.»

Conduzido a Londres e interrogado por Wilson, Kennedy reconstituiu a tragédia.

A RECONSTITUIÇÃO DA TRAGÉDIA

— Dirigia-me para Oxford, em serviço da casa, quando, a meio do caminho, um sujeito que estava encostado a uma arvore começou a gesticular, obrigando-me a parar o carro. Uma vez parado dirigiu-se-me suplicando que o levasse até Oxford. Recebera a noticia de que um ente querido adoecera gravemente, não encontrara meio de transporte nem tivera paciência para esperar o «Green Auto» mas estava esfaifado e temia chegar demasiado tarde. Não tinha motivos para negar este favor, tanto mais que a pessoa em questào era simpática, delicada e parecia aflita. Subiu para o carro que pus de novo em marcha. Pouco depois tornei a frenar o auto e afastei-me uns minutos para satisfazer uma necessidade urgente... Súbito chegou até aos meus olhos o reflexo dum clarão. Tive um presentimento. Corri para a estrada e quando cheguei ao local já o «auto» estava corado de chamas, e o meu imprevisito companheiro de viagem jazia caído sobre a banquetta como se fósse uma tocha humana. Não sei explicar o que se passou então em mim! Senti-me chicoteado por um terrór louco, sem saber porquê... Fugi, correndo, como um ladrão... E desde essa noite que tenho andado de terra em terra, de hospedaria em hospedaria, sem objectivo, nem plano, nem consciência... Cada dia que passava mais angustiava-se me afigurava a minha situaçào; maior era a minha covardia em apresentar-me, em contar a verdade... E contudo não sou culpado — nunca vira aquêl homem, não lhe podia ter ódio que explicasse um atentado... Isto é o que declarou Kennedy. E o sapato de mulher? E a imobilidade da vitima, deixando que o fogo o carbonizasse sem fugir, quando o primeiro gesto de todos os que se sentem contagiados pelo fogo é fugir, muitas vezes suicidando-se precisamente por isso? E quem é o morto, por cuja falta ninguém deu até hoje? Fala verdade Kennedy? Mistério que intriga toda a Inglaterra.

Um reporter, que também é X, («John Xhinz» é o seu pseudonimo) do *Evening News* alvitra uma hipótese que é, ao que parece, moldada na suspeita que o detective Wilson lhe segredou. Kennedy ganhava só sete libras por semana e era um femieiro impenitente. Para cúmulo, de cada aventura floria um filho, seguido de outros. Para evitar escândalos, a perda da sua fama de pacato e da paz do lar — era obrigado a pensionar as mães dos filhos — quatro, pelo menos. A sua vida financeira devia ser um tormento para que a esposa não desse pelo desequilíbrio orçamental. Naquela noite é muito provavel que as coisas se passassem como êle as descreve... Mas o seu espirito, por uma mecânica especial, sofreu o ataque de uma tentacão... Se êle, Kennedy, morresse, ficaria livre de todas as despesas — até as da familia — e todo o dinheiro que ganhasse seria para seus gastos... Mas morrendo — não poderia gozar a vida — sobretudo o amor, que era de todos os prazeres o seu predilecto... Mas podia morrer alquem... por si!

(Conclui na pag. 15)

O caso misterioso da Avenida Mozart

(Continuação da pag. 5)

risienses. A multidão de 50 a 100 mil estrangeiros que desembarcavam diariamente em Paris cortou, dos seus orçamentos, a verba para esses 15 a 30 dias de regabofe na mais bela capital do mundo... E agora, que o Destino fez a vontade aos parisienses, libertando-os desse formigueiro de turistas que enchia a cidade, e a animava, e a ajudava a ser a Paris-Paris, é que eles compreendem a falta que os estrangeiros lhes fazem. Por muito incomoda que fôsse a sua presença—a verdade é que essa gente, antes de embarcar, metia na carteira um bom par de notas—notas essas que ficavam em Paris... Teatros, *restaurants*, hotéis, tódo o comércio de Paris, deviam aos estrangeiros a maior parte da sua prosperidade...

E eis porque o rôsto de Paris se me apresentou preocupado e tristonho. Paris torce a orelha e a orelha não deita... estrangeiros. E' bem feito!

—E se fôssemos ao «Follies Bergères?»—lembra Adelino Mendes, meu companheiro de viagem...

«Follies Bergères», Casino, Palace, Mayol, os templos das grandes *feeries* parisienses que são envoltórios de arte dumha essencia talvez frívola mas cheia de sedução, formam um dos *ex-libris* de Paris—como a *Torre Eiffel* e como os *boulevards*. Ir a Paris e não vêr uma das revistas dos seus cartazes—é como ir a Roma e não vêr... Mussolini. Conta-se que quando Mr. Bernard-Hautville, embaixador de França, foi recebido pelo falecido soberano do Sião, que estudava em Paris, a primeira pergunta que aquêle monarca lhe fez foi a seguinte:

—Diga-me uma coisa, sr. embaixador. Que tal é a revista que vai agora no Casino? E' melhor do que o «Paris-Etoile»? A Mistinguett ainda lá está? E o impagavel Toldrini?

O espirito francês não estará em decadência—mas necessita de descanso. A França precisava de fechar as suas portas por algum tempo. Os franceses precisavam de uma cura de repouso. Paris e habitantes—estão esgotados... Até a própria revista, o trapezio onde os franceses mais facilmente exibiam a acobracia da sua graça e do seu fino engenho, está anémica de espirito, com uma beleza cheia de olheiras, e um nũ demasiado ossudo. A *feerie* das «Follies Bergères» é aguada, pinga suor por tódos os póros—e não interessa... Ou por outra: chega às vezes a interessar, e já digo porquê. E' que, por falta de ideias, os autores lembraram-se de apresentar uma série de quadros antigos, cada um deles ressuscitado de uma revista do passado. E assim, vendo reconstituídos no palco e em 1930 um quadro da revista de 1880, e outro de 1890, e outro ainda de 1900, de 1908, de 1918, com os seus trajes, o «modernismo» e as ousadias daquelas épocas, as suas graças, as suas fantasias, as suas novidades—não só gozamos o espectáculo dum desfile de saúdes, um folhear curioso do livro do passado, recordando episódios, escândalos, aventuras d'esses vários Paris que não vivemos, como podemos medir, pela eloquência do contraste, a enorme fadiga que desnivela o espirito e a imaginação da França de hoje da França de antes da guerra...

Mas essa fadiga não se evidencia apenas no tablado... Lá fóra no *promenoir*, no *hall*—no célebre *hall* das «Follies Bergères» que deu tantos pretextos ao lápis galante de Aubert e de Guillaume e ao engenho caricatural de Sem—a semsaboria é a mesma... As gentes *entraineuses* de outróra, as bonecas graciosas, as *Butterfly* que esvoaçavam em redor dos espectadores, envelheceram, engordaram, perderam os encantos físicos e o gosto da *toilette*...

Uma novidade... Desapareceram as *placeuses*. Substituem-nas uns moços muito bem penteados, escanhoados até à derme, enluvados de branco, fardados com um *smocking* côr de vinho e umas calças azuis listradas de vermelho.

—São os estudantes pobres...—explica-me um amigo.—Tódos os teatros de Paris, de acôrdo com a

Associação Académica, resolveram dar o lugar de *placeur* aos estudantes sem meios para terminarem a carreira. E' um emprego rendoso... Há noites em que amealham cinqüenta e oitenta francos—e mais ainda. E como vê, esses rapazes não herdaram das gerações anteriores o orgulho romântico que os caracterizavam. Futuros médicos, advogados, engenheiros, pintores, artistas de tódas as artes, sábios de tódas as sciências—aceitam esta farda e este emprego de inegavel subalternidade social, em troca dos proventos necessários para a sua manutenção e estudos—sem se vexarem. Podiam, por disfarce e amor próprio, fingirem que tomavam o novo papel de chacota, de boémia, carnavalescamente. Isso sim. Procuram, com tóda a liberdade e com um servilismo correcto, dumha correção de inferior para superior, os caminhos mais curtos para as boas gorjetas dos espectadores que eles conduzem ao seu lugar, a quem oferecem o programa e o binóculo de aluguer e a quem estendem a mão enluvada com o classico: «Il n'a rien pour le placeur?» Sob o ponto de vista social e generoso, a metamorfose pode ser magnifica mas fazem-me saúde as antigas *placeuses*, tão leves, tão abonecadas, tão risonhas, gentis—que nenhum môço, por muito barbeado e enluvado e loiro que se apresente, poderá igualá-las...

O ASSASSINO DO JOALHEIRO E EU...

P. S.—Londres, 30.—No momento em que arranco do *block-notes* estas folhas atrasadas—caí-me sob os olhos um jornal francês dizendo: «Paris—O brigadeiro Leroy e os inspectores Clere e Pegrugnot, da secção de crime da Polícia Secreta, prenderam no cabaret nocturno de Montmartre, *Cloche D'or*, quando ceava, George Gauchet, de 25 anos, assassino e ladrão do desditoso joalheiro da Avenue Mozart, cuja trágica morte relatamos. Apesar de tódas as dificuldades a policia francesa conseguiu evitar que este monstruoso crime ficasse impune. George Gauchet é um jovem simpático, insinuante, filho de uma boa familia burguesa de Neuilly, teve uma boa educação, é dotado de grande robustez e dedica-se apaixonadamente ao sport. Pela morte de seu pai, há dois anos, exigiu à mãe a legitima paterna, que era de 250.000 francos. Imediatamente abandonou o lar dividindo o tempo pelos *sports* e pelas orgias, arruinando-se rapidamente no jogo de Bolsa. Vivia com uma amante—Clementina Philippe, dançarina dum cabaret—num hotel da Rue Blanche. Até hoje não consta que tivesse cometido nenhum outro crime. No dia 19 ao cair da noite entrou na joalheria da Avenue Mozart e sabendo que o dono da casa estava só assaltou-o, alucinadamente, com uma chave inglesa. Após alguns

minutos de luta e convencendo-se de que o matara pilhou o que pôde, tomou um «taxi» e foi ao hote lavar-se, mudar de roupa e ligar as feridas. Esperou uns dias... Como viu pelos jornais que a policia não encontrava a pista do assassino, julgou-se salvo e começou a tentar vender as joias, tão ignobilmente adquiridas, aos seus conhecidos, ás mundanas de Montmartre e aos creados dos cafés...

«O que o perdeu, apesar da prudencia e das cautelas com que se cercou, foi um detalhe insignificante: um jornal da noite, esquecido ao pé do cadaver—e aberto na secção das «courses». A policia, guiada por este achado, limitou as suas pesquisas aos sitios frequentados pelos amadores do jogo de cavalos—e assim pôde notar a existencia de um môço que pretendia vender algumas joias, as quais, dizia, pertenciam a sua velha mãe...

«O criminoso confessou o crime. A familia, que é honestissima, encontra-se numa horrivel consternação. A amante, cuja innocencia está provada, declarou aos jornalistas que o jovem assassino lhe proibiu de ler jornais de *fait divers* e noticiário de crimes, porque, dizia elle, lhe inspirava horror essa imprensa que pervertia as almas e que elle jamais comprava... Igualmente se negou a deixá-la ir aos cinemas porque, explicava elle—os *films* são uma má escola de que elle—o que é verdade—se afastara sempre.—(Correspondente.)»

Senhores moralistas! Senhores sociologos! Que me dizeis a este caso? Um jovem educado à burguesia—a classe moral e honrada por excelência; mimado, forte, sadio, sem taras, sem alcool, *sportman*, fazendo uma vida higiénica tanto quanto possível; não lendo esses jornais nem esses livros que os senhores moralistas consideram germen de tódas as ignominias; detestando o cinema—em que os senhores pedagogos vêem uma cultura de bacillus morais; conservador, crente; e um belo dia, porque lhe falta dinheiro, para não o pedir à familia, para não trabalhar, para não o ganhar honradamente como eu (ou tu leitor, se és d'esses...) entra na loja dum pobre chefe de familia, trabalhador, honesto, com mulher e filhos, e sem ódios, sem crimes, sem ofensas que explicassem uma colera—a frio, premeditadamente, cruelmente, insensivelmente, estoura o crâneo à vitima com uma chave inglesa, enche os bolsos de joias, toma um «taxi», lava-se, sem se affligir com o contacto do sangue, talvez ainda quente, da vitima, apaga tódos os vestigios, como um cauteloso profissional do crime, e recomeça a sua vida normal... Como explicam os senhores esta proeza, esta psicologia, esta patologia? Repito: não foram as leituras nem os *films* que o perverteram (como allás Diogo Alves e tódos os grandes facinoras da antiguidade, porque outróra eram mais frequentes e mais facinorosos do que agora, não llam o *Reporter X* nem viam filmes cinematograficos...) ...Então?

Uma pergunta... Terá sido o Destino tão mecânico, tão ritmico que, depois de me ter feito conhecer a vitima, tivesse levado o assassino ao alcance do meu olhar? Acabo de conhecer Gauchet através dum retrato de jornal... Parece-me elle... Mas era quasi noite quando vi o jovem da Avenue Mozart... E a aba do chapéu ocultava-lhe melo rôsto... Só os olhos fixos—e d'esses pouco resta no empastelamento de tinta da «foto» impressa... Mas se fôsse de facto Gauchet—e se eu tivesse tido a coragem de me dirigir a elle—de subito, de assalto, fazendo da minha profecia intima uma intimação—teria poupado duas vidas: a do assassinado e a do assassino, porque a dêste tem como calendario final a guilhotina, pela certa...? Sabe-se lá nunca a grandeza futura, e o resultado imenso dum gesto insignificante de que nos coibimos por covardia, por julgarmos, no momento, que é ridículo!...

REPORTER X

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

O escândalo da Embaixada Soviética em Londres

DOIS DETECTIVES DA CÉLEBRE G. U. P. VÊM A INGLATERRA PARA RAP-
TAR O EMBAIXADOR E CAEM NUMA CILADA QUE ÊSTE LHES ARMOU

DURANTE meio século a Scotland Yard foi o modelo único que se apresentava como perfeito organismo policial, iman de todos os casos à *sensation*. A guerra trouxe dois rivais poderosos àquele viveiro de «Sherlocks» de carne, e osso: a «Intelligence Service», a polícia internacional da Inglaterra, e a G. U. P., o quartel general da Polícia Soviética russa, cujos «detectives» não conhecem fronteiras e cuja acção se assemelha muitas vezes à fantasia dos folhetinistas. Eis um epi-

so estrangeiro e por saber que o Kremlin não queria escândalos. E não sendo possível trazê-lo a bem — seria a mal. No dia 20 de Novembro desembarcavam em Londres dois «azes» da espionagem russa, Petrower e Yugaroff, instalando-se, sob nomes falsos, num hotel proximo da Embaixada e alugando uma «garage» num recanto solitario de Penyfield — a dois passos de Whitechapel. Durante cinco dias limitaram-se a rondar a vida do diplomata e a estudá-la. No dia 26 despachavam um admiravel automovel da marca russa «Akla» — imenso e extravagante de *carrosserie*, que vinha como procedente de Anvers (*truc* para não chamar a atenção sobre Moscou, que era a sua verdadeira embora indirecta procedencia) e que ficou armazenado na «garage» citada. E só então começaram a agir. E' que aquêlê enorme carro era indispensavel aos seus planos. Eles já o tinham experimentado em Paris, quando do rapto do general — e com que êxito...

de serviços semelhantes — tinham bem preparado o terreno. Para que o embaixador não duvidasse da autenticidade de Borias Tugarini — Petrower, aproveitando uma vaga parecidoça com êste, hospedara-se simultaneamente em dois hotéis, num dos quais se registou com o nome de Borias Tugarini, falsificando a correspondência no papel timbrado dêsse hotel para que os espias do diplomata não perdessem tempo a investigar o poiso do «leal e destemido defensor do seu chefe» e pudessem certificar-se, pelo porteiro, da existencia dum hospede com aquêlê nome.

A's 4 da tarde, noite cerrada em Londres, o «auto»-magico estacionava no local marcado. Yugaroff ia ao volante. Petrower, o mais musculoso, fundia-se na sombra interior apertando na mão esquerda um frasco de cloroformio. Passam-se cinco, dez minutos — e a rua, paralela a uma grande arteria, rua-biombo, rua-bastidor, escolhida por ser solitaria — solitaria continuava a ser. Os dois esbirros impacientavam-se. Súbito, ouviram uns passos muito matraqueados no asfalto. Afoguem-se numa esperança — logo desfeita. Eram dois homens — e êles esperavam um só. Mas ainda não haviam regressado à impaciencia quando um facto os alarmou. Os dois homens dirigiam-se ao «auto». E' possível que Yugaroff tentasse pôr o carro em marcha, na suspeita dum fracasso grave — mas não teve tempo de o fazer. Um dos recém-chegados abria a portinhola do automovel enquanto o outro trepava para junto do «chauffeur»; e ambos em côro, ordenavam:

— Nem uma palavra. Policia! As explicações



O grande automovel misterioso esperava

sódio, recente de dias, que pode servir de «specimen», pela sua ousadia e pelo imprevislo do seu remate emocionante.

AS ORDENS DO KREMLIN

Tendo o embaixador da Rússia em Londres obedecido a uma ordem do Kremlin, o governo ordenou-lhe que regressasse imediatamente a Moscou para ser julgado e castigado. Mas eis que o diplomata bolchevique — o antigo camarada Kedel — entra em franca rebeldia declarando que não saíria de Londres onde continuava a considerar-se representante único do seu país. Querendo evitar mais um escândalo, o governo entregou o caso à G. U. P.; e esta resolveu empregar um dos seus golpes de audácia, no estilo do rapto do general tzarista, em pleno Paris. Contudo, o antigo camarada Kedel tinha fiéis amigos *sur place* que o avisaram do perigo que o ameaçava.

Rodaram seis semanas. A imprensa falou vagamente de um incidente interno, na Embaixada russa em Londres; e precisamente no dia 17 último apresentou-se em Scotland Yard um estrangeiro, solicitando uma audiencia com o director.

— Sou enviado especial do governo russo — declara o visitante exibindo os seus documentos — e como tal peço o auxilio da policia inglesa contra o nosso ex-embaixador (foi demittido ha um mês) a fim de libertar dois cidadãos russos que aquêlê diplomata sequestrou em sua casa.

OS DOIS «AZES» DA ESPIONAGEM

Sensação! Podia lá ser! E o enviado especial contou o episodio a seu modo. Mas a verdade é muito diferente. Ei-la. A G. U. P. não acalentava illusões sobre a negativa do ex-camarada Kedel, caso lhe apparecessem os detectives de Moscou a pedirem-lhe para os acompanhar. O diplomata sentia-se duplamente defendido por se encontrar

O AUTOMOVEL MÁGICO

A partir de 27 o embaixador começou a receber, varias vezes ao dia, cartas assinadas por um dos seus mais dedicados amigos. Através dêsse epistolário, Petrower e Yugaroff pretendiam, primeiro, convencê-lo de que êsse tal amigo se encontrava em Londres, propositamente para o defender; e que se não se apresentara ainda fóra porque a prudencia assim o exigia; segundo — cultivar no animo do diplomata a intoxicação do terror, injectada pelas continuas denúncias que o «defensor» lhe fazia sobre as manobras de uma *legião de esbirros* que a G. U. P. enviara a Londres para o assassinar; e terceiro — criar no espirito do ex-camarada Kedel uma confiança cega na protecção e conselhos do signatário. E quando julgaram a fruta madura — fixaram o dia para o rapto. Havia tempos que ancorara em Liverpool um pacato barco norueguês, em cujo porão se tinha preparado já a cama para o diplomata repousar, bem fechado à chave, até Leninegrado. O «auto», de fabrico unico, especial e secretamente encomendado pela G. U. P., conduziria o diplomata, numa espécie de «caixão para vivos», existente sob a banqueta interior, de facil e rapido funcionamento de tampa, de Londres a Liverpool.

A CILADA E A CONTRA-CILADA

Na manhã de 8 de Dezembro o embaixador recebeu o seguinte aviso do seu dedicado e fiel amigo: «Meu caro Kedel: E' para hoje o golpe — e segundo consegui apurar será executado de forma a tornar ridicula qualquer defesa. Eles estão dispostos a liquidarem-te. Há só um caminho a seguir e nêsse sentido organizez tudo. A's 4 horas é noite em Londres. Tu nunca saís a essa hora nem êles o podem prever. A' esquina de Brimay Street estará um automovel, grande e cinzento. Da Embaixada até lá não podem êles intentar coisa alguma porque só atravessam locais movimentados. Além disso êles nem sonham que estejas prevenido dos seus planos cuja execução está marcada para o principio da madrugada. Tenho já lugar seguro onde te refugies até melhores tempos. E' possível que descubram quem te salvou e que perca a vida nesta aventura. Não me importo. Um amigo como tu pode exigir todos os sacrificios. Até breve. Teu velho camarada — Borias.»

Petrower e Yugaroff não duvidavam do êxito da armadilha. Habels e experimentados em dezenas



O embaixador começou a corresponder-se com um amigo occulto

são para o Commissariado! Mas se querem espectáculo — nós oferecemos o jazz-band.

E num gesto incompleto, apertaram com a mão esquerda o bolso onde a direita se afundava acariciando a pistola. Nenhum dos dois detectives russos era péco nem covarde; mas o imprevislo do assalto e a sua actual situação, sob a ameaça

(Conclui na pag. 15)

Um explorador de bailarinas

Victor Lorenz é um austriaco sem escrúpulos que tem vivido em Lisboa á custa de um grupo de «girls» que trabalhou no «Teatro Variedades» do Parque Mayer

FÓMOS há meses ao Teatro Variedades, no Parque Mayer, assistir á curiosa revista, que muito tempo se manteve no cartaz, intitulada *O Cavaquinho*. Foi uma noite bem passada. O chiste de Alvaro Pereira, a graça cativante de Beatriz Costa, a vivacidade de Ema de Oliveira, as rábulas inimitáveis de Antonio Gomes (da Trindade), fizeram-nos passar algumas horas deliciosas, aquelas horas que não têm preço porque nos levam a esquecer a realidade amarga da vida.

Surpreendeu-nos, porém, nessa revista de piada portuguesa e chalaça franca, um grupo de *girls*, elegantes, corpos esculturais, bem lavadas e ensaiadas — o que não é freqüente entre *girls* portuguesas. E aquelas não o eram realmente.

— São alemãs — disse-nos alguém a quem manifestámos a nossa estranheza.

Despertaram-nos as raparigas natural curiosidade e sobre elas fizemos então algumas perguntas banais, perguntas que — mal sabíamos nós — nos conduziram inesperadamente a uma interessante reportagem.

— Devem ganhar bem aquelas raparigas — dissemos nós, convictos, porque a sua competência profissional, em nosso entender, devia fazer-se pagar razoavelmente.

O nosso informador esboçou um sorriso irónico e, depois de hesitar uns momentos, murmurou:

— Aquilo é muito complicado...

— Complicado? — fizemos nós, intrigados.

— Sim — confirmou o outro, mais resolutivo.

— Mas porquê? A empresa não lhes paga?

— A empresa — tornou o nosso interlocutor sempre com o mesmo tom hesitante e misterioso — creio que depende bom dinheiro para manter os quadros em que essas bailarinas figuram. Elas, porém, é que pouco ou nada vêem desse dinheiro.

— Como se compreende então — inquirimos ainda — que pagando a empresa, as artistas não recebem o seu dinheiro.

— E' uma história complicada — teimou o outro, encolhendo os ombros.

Este dialogo foi subitamente interrompido pelo retinir da campainha anunciando que o intervalo expirara e o espectáculo ia recomençar.

Voltámos pensativos á nossa frisa, dispostos a observar melhor essas mulheres. Talvez dessa observação superficial

resultasse a dissipação do mistério que principiava a envolver aquêles belos corpos nus e flexíveis, de linhas correctas, harmoniosas, esculturais.

Apresentaram um quadro de nú artistico, nimbado de beleza. Mas dos seus corpos nus outra coisa não emanava senão a natural sedução de suas carnes mimosas e apetecíveis, o que para nós era pouco.

A Favorita, mixto de café e de cerve-



Victor Lorenz, saindo do Parque Mayer pelo braço da filha da amante

caria, ali á ilharga do Teatro Maria Vitória, é uma espécie de capital do Parque Mayer. Ali se reúne tódas as noites a fauna mais variada, mais estranha, da sociedade lisboeta. Pacatos pares burgueses vão ali tomar o seu chá calmente após as emoções de um espectáculo de revista; pequenos actores desempregados passam naquela sala, recostados nas cadeiras de verga, com ares de *grands seigneurs*, noites inteiras depreciando os grandes artistas, que também por lá aparecem cavaqueando; coristas que nas horas de ócio se dedicam á conquista fugaz de cavalheiros respeitáveis; revisteiros, cançonetistas, tudo o que constitui o mundo do Parque

ali se detem um momento, pelo menos, a combinar um negócio, a aprazar um *rendez-vous*, a maldizer a pouca sorte, a festejar um êxito. E nós, jornalistas, por lá gastamos uma vez por outra o nosso tempo, colhendo um assunto, surpreendendo um escândalo, ou escutando um pedido de reclamo gratuito a certa cançonetista ou actriz de pano de fundo que outra qualidade não possui senão a da boa plastica.

Nessa noite, terminada a ultima sessão do *Cavaquinho*, fomos dar á *Favorita* de palestra com amigos. Abancámos. Passando o olhar em redor, surpreendemos as mesmas caras de sempre, os mesmos rapazinhos «papo-sêcos» á espera da corista que com eles reparte os seus honorários escassos; os mesmos boémios já alegres de cerveja; os mesmos sonhadores que, pelos cantos, perante um café modesto, gizam eternos planos de grandes peças teatrais.

Foi aí, nesse ambiente, que é um estimulante á confissão, que o nosso informador se expandiu torrencialmente:

— Aquelas *girls* — disse elle — são chefeadas por um austriaco, um tal Victor Lorenz, amante da mãe daquela bailarina principal — uma franzina, agil, encantadora. Esse homem é que fez o contrato com a empresa e é elle portanto que lhe recolhe os frutos. Sabe quanto elle dá a cada bailarina, por semana? Vinte escudos!

«E' com esses vinte escudos semanais que elas têm que sustentar-se, vestir-se, calçar-se...

— Mas isso é uma *escroquerie!* — exclamámos.

— Sim, meu amigo, é uma infâmia. E' a autêntica escravatura branca. Esse Victor Lorenz, de combinação com a amante, já tentou negociar a filha desta com um rapaz português e rico que a requestava. Acoissadas pela fome as bailarinas resvalam na prostituição e logo que podem fogem desse grupo de exploração e fome.

— Isso é trágico!

— E' trágico e é real. Quere conhecer esse «caftan»? Olhe...

E apontou-nos um tipo que, embuçado a um recanto da *Favorita*, tomava bebidas com um grande ar de burguês pacato.

— E' aquêlé. Tóda a gente o conhece. Tódos sabem a peça que elle é!

GUIDO RUIVO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA